

A legitimidade da escuta num mundo ocidentalmente pré-fabricado

Priscila Loureiro Reis
priscilalou@gmail.com

Resumo: Pensar no dizer pronunciado pela música é percorrer os caminhos que unificam linguagem, escuta e sentido. A articulação da música com a tensão entre recolhimento e anúncio se dá na capacidade do discurso musical dizer o inaudito, o não verbalizável. No percurso da Cultura Ocidental, onde a vigência técnica é a principal matriz pulsante, o saber foi reduzido a tudo o que pode ser medido, identificado e representado. Nesta instância, o homem tem se automatizado progressivamente, tendo cada vez mais seus sentidos embotados. O presente artigo investiga a legitimidade da escuta como possibilidade de acesso ao saber.

Palavras-chave: Escuta, linguagem, sentido, música, memória.

Há tempos que sinto um certo fascínio por ampulhetas. Sou capaz de ficar um bom tempo observando a lentidão com que um fio fino de terra escorrega por um fino orifício. Incrível como nesses instantes o tempo possa passar tão devagar. Quando findada a queda da areia, um simples movimento invertido e o começar tudo de novo. Do recinto cheio para o vazio. Do muito para o pouco até que este seja preenchido. E nessa sensação de lentidão é quase como se o tempo parasse. Mas o tempo não pára. O tempo não pára?

Nas artes temos um acontecimento que não se dá numa espaço-temporalidade linear cronológica. Neste sentido, poeticamente pensando, o tempo pára. O tempo pára quando assistimos a uma peça de teatro e saímos de nossa existência; adentramos outra realidade. O tempo pára quando ficamos diante de um quadro que simplesmente nos hipnotiza. O tempo pára quando nos colocamos à escuta do dizer inaudito, não verbalizável da música. O tempo pára quando a poesia nos toca tão profundamente que nos encanta, nos assombra, nos emociona. O tempo pára no dizer poético por ser este um dizer misterioso e porque misterioso, imprevisível.

Mistério e imprevisibilidade não são, definitivamente, marcas de nosso tempo. Qual tempo? O tempo em que esquecemos o ser para pensarmos os entes. O tempo em que verdade deixou de ser um movimento dinâmico de des-velamento, como diz a palavra no grego *alétheia*, e passou a ser certeza, correção, adequação de conceitos. O tempo em que o saber foi reduzido a tudo o que pode ser medido, identificado e representado. E ainda, o tempo cuja principal matriz pulsante é a técnica. Mais importante, entretanto, do que pensar este tempo como um período que pode ser medido cronologicamente entre determinadas datas, é compreender que se trata de uma maneira de constituição de mundo, uma cultura que vem influenciando o modo como o homem apreende a realidade, a Cultura Ocidental. Nela, o pensamento metafísico é o eixo norteador em que se passou a buscar o fundamento da totalidade dos entes por meio de toda uma operação intelectual, lógica e racional para estabelecê-lo como conceito. Nestas bases, o homem deixou de apreender o real desde o próprio real, isto é, desde como o próprio real se diz, se mostra, se apresenta, para adequá-lo e correspondê-lo a um conjunto de parâmetros pré-estabelecidos. A compreensão da verdade como adequação e operatividade tenta ver um significado por trás das coisas deixando de ver as próprias coisas.

Ao que parece, o homem passou a viver num mundo pré-fabricado ou num mundo ocidentalmente pré-fabricado ou ainda num mundo metafisicamente pré-fabricado, o que dá tudo no mesmo. E por que pré-fabricado? Justamente porque tenta pré-fabricar conceitos, e com eles, significados. Na pré-fabricação perde-se o relacionamento imediato com o real para subjugar-lo à representação. Na pré-fabricação uniformiza-se valores, interpretações, significações. Na pré-fabricação o homem tem cada vez mais seus sentidos embotados; já não mais vê as coisas, só as coisas porque quer ver o que está por trás das coisas. As coisas já não são o que são, pois tornaram-se símbolo, representação, significação. Da mesma forma, na pré-fabricação o homem já não mais ouve o som daquilo que soa, se mostra, se presentifica. Seus ouvidos, seus olhos, seus sentidos estão como que viciados, habituados, acostumados na tentativa de interpretar, significar e não simplesmente ver, ouvir, perceber, sentir. Na Cultura Ocidental o modo de ver o mundo fundamenta-se numa representação pré-fabricada socialmente e, portanto, já carregada de significações.

É neste contexto que o poeta se vê inserido. Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, deixa ecoar sua apreensão do mundo pré-fabricado ao dizer: “tristes de nós que trazemos a alma vestida!” (Pessoa, 2005: p. 49). Seus versos entoam os sons de uma batalha travada, uma procura pelo seu próprio caminho na contramão de uma multidão que vive de maneira automatizada, mecânica e uniforme. É a procura de sua singularização quando ele diz:

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras. (PESSOA, 2005: p. 72)

Despir a alma é um caminho para o que o poeta chamou de aprender a desaprender. Gilvan Fogel (2007) vê na força do dizer poético de Alberto Caeiro um processo de desaprendizado do símbolo. Desaprender o símbolo é desaprender o habitual por um movimento de retirada e de retraimento que possibilita ao homem solidão. Mas solidão não num sentido de isolamento, embora de alguma maneira e em algum momento ele até se faça presente. “Fazer-se só, realizar solidão e assim desaprender o vulgar e o habitual, é atender à exigência, ao imperativo vital de fazer o próprio caminho, ou seja, cumprir-se a exigência de andar e ver, isto é, ser, só poder ser desde e como caminho, viagem, experiência.” (Fogel, 2007: p. 41). Fazer-se só é retrair-se para um lugar silencioso que possibilite calar tantas e quantas vozes que tentam impor significações. Fazer-se só é retrair-se para um lugar silencioso que possibilite escuta. A legitimidade da escuta num mundo ocidentalmente pré-fabricado só é possível se esta escuta conduz o homem a um encaminhamento de singularização, apropriação do que lhe é próprio: seu viver, suas realizações, sua própria constituição de sentido e de mundo. Ser próprio é ser livre. Ser livre é ser próprio. “Ser o próprio e não os outros torna-se a questão.” (Castro, 2011: p. 125).

Mas, cabe a pergunta, a legitimidade da escuta de quem? Escuta de que? Quem diz? E este quem que diz, diz o que? Habituados a pensar pela via dicotômica dos contrários, somos inevitavelmente levados, num primeiro momento, a pensar a escuta como oposição a um dizer. Mas apenas num primeiro momento. Se conseguirmos fazer o exercício de nos desviarmos da relação binária opositiva, poderemos nos aproximar de uma outra instância que não à da oposição, mas à da reunião que articula escuta e dizer.

Vale ressaltar que ao nos referirmos à escuta, lembramo-nos de Heráclito, que há pelo menos dois mil e seiscentos anos constatou em seu fragmento de nº 34:

“sem compreensão: ouvindo, parecem surdos, o dito lhes atesta: presentes estão ausentes.” E não é este o retrato do homem ocidental? O contexto a que queremos chegar é o do imperativo imagético, onde o desenvolvimento tecnológico bombardeia continuamente seus aparatos impressionantes, inusitados, úteis para oferecer conforto, agilidade, segurança e entretenimento. O homem que outrora estabelecia um relacionamento com a terra, uma convivência de dependência da terra por ser esta a fonte de recursos que lhe possibilita viver, agora se submete à técnica moderna. Esta, por sua vez, nada mais faz do que reduzir progressivamente os níveis de relacionamento do homem com o real “recolhendo a totalidade do real a um padrão único de realização, a saber: à realização controlada, reprocessada e sistematizada do real.” (Leão, 2010: p. 100). Tal sistematização pretende automatizar o homem, engessá-lo na condição de mero produto ou fornecedor de matéria prima no processo de produção, diferente da técnica artesanal, onde o artesão tinha papel decisivo e criador no processo. O fato é que o homem ocidental está sempre ocupado, pré-ocupado, alarmado, cercado de barulhos. E são tantos os barulhos! Das máquinas industriais, dos aparelhos eletrônicos, dos meios de transportes, das vozes que vendem produtos em oferta. Sempre conectado com algo ou alguém que dita o quanto ele deve trabalhar, o que deve comprar, comer, assistir, ouvir, crer, o homem tem cada vez mais seus sentidos embotados. E então, como escutar? Como ouvir? Chuang Tsu nos oferece uma pista:

Isto significa ouvir, mas não com os ouvidos; ouvir, mas não com o entendimento; ouvir com o espírito, com todo o seu ser. Ouvir apenas com os seus ouvidos é uma coisa. Ouvir com o entendimento é outra. Mas ouvir com o espírito não se limita a qualquer faculdade, aos ouvidos ou à mente. Daí exigir o esvaziamento de todas as faculdades. E quando as faculdades ficam vazias, então todo o ser escuta. Há então uma posse direta do que está ali, diante de você, que nunca poderá ser ouvido com os ouvidos, nem compreendido com a mente. (IN MERTON, 2003: p. 86)

Na contramão do saber científico, onde o conhecimento só tem legitimidade se comprovado matematicamente, calculadamente, temos a escuta como possibilidade de acesso ao saber. E é neste sentido que a escuta está relacionada diretamente ao dizer, à fala:

Mas falar é ao mesmo tempo escutar. É hábito contrapor a fala e a escuta: um fala e o outro escuta. Mas a escuta não apenas acompanha e envolve a fala que tem lugar na conversa. A simultaneidade de fala e escuta diz muito mais. Falar é, por si mesmo, escutar. Falar é escutar a linguagem que falamos. O falar não é ao mesmo tempo, mas *antes* uma escuta. Essa escuta da linguagem precede da maneira mais insuspeitada todas as demais escutas possíveis. Não falamos simplesmente *a* linguagem. Falamos *a partir* da linguagem. Isso só nos é possível porque já sempre pertencemos à linguagem. O que é que nela escutamos? Escutamos a fala da linguagem. (HEIDEGGER, 2012: p. 203)

Escutar a fala da linguagem é necessariamente pensar o que a própria palavra linguagem diz. Pensar o que a própria palavra linguagem diz é chamá-la desde a proveniência do seu dizer. Chamar a palavra linguagem desde a proveniência do seu dizer é, por sua vez, evocar *lógos*. E evocar *lógos* é convidar o pensador a dizer o que pensa. Pensou Heráclito em seu fragmento de nº 50: “auscultando não a mim, mas o Logos, é sábio concordar que tudo é um.” Mas o que diz *lógos*?

Difícil responder. E se em nós guardamos a expectativa de responder objetivamente o que significa *lógos*, aí então... Aliás, foi na tentativa de se responder objetivamente o que a palavra *lógos* diz é que se originou todo um modo lógico de pensar, ou melhor e ao mesmo tempo pior, de raciocinar, uma vez que *lógos* foi

traduzido por *ratio*, razão, e esta fundada em e fundadora de parâmetros calculáveis e calculadores que prevêm sentenças que possam ser averiguadas, verificadas e adequadas como corretas, como certeza. Mas o certo se opõe ao errado e justamente aí se pré-fabrica o mundo ocidental: ao transformar *alétheia*, verdade, num único fundamento que só pode se basear na oposição dos contrários. Na pré-fabricação do mundo ocidental *lógos* perdeu seu vigor de ser o que originariamente é. E embora nos seja difícil dizer o que originariamente *lógos* significa, podemos ao menos nos aproximar do que a própria palavra aponta. “Auscultando não a mim, mas o *logos*”. Temos primeiramente uma relação entre *lógos* e a palavra auscultar. Nesta relação, *lógos* aciona um movimento de dizer, mostrar, pôr, afinal, só ausculta (escuta) porque há um dizer. “Auscultando não a mim, mas o Logos, é sábio concordar...” *Logos* é condição de possibilidades e para possibilidades do saber. “Auscultando não a mim, mas o Logos, é sábio concordar que tudo é um.” *Logos* é reunião de escuta, linguagem e sentido porque é o próprio real se dizendo, se mostrando, se pondo.

No evangelho de S. João também encontramos referência a *lógos*. Tal passagem bíblica é traduzida e pensada por Carneiro Leão: “no princípio de tudo, a Linguagem; e tanto no agir de todo dizer como no dizer de todo agir. Com uma anterioridade mais de vigência do que de tempo, antes dos discursos, seja da arte, da filosofia ou da técnica, seja da política, da lógica ou retórica, se dá e envia a Linguagem.” (Leão, 2010: p. 103). *Logos* é linguagem, o acontecer do mistério do ser. E porque mistério, imprevisível. Contudo, mistério e imprevisibilidade não são definitivamente marcas do mundo ocidentalmente pré-fabricado, dizíamos há pouco. Mas, com isto, não significa dizer que mistério e imprevisibilidade não sejam possíveis neste mundo essencialmente técnico, tecnicista e tecnológico em que vivemos.

A possibilidade de se dar mistério se articula com a possibilidade de se dar encanto frente ao revelado, desvelado, desencoberto, embora no mistério, para que seja mistério, permaneça a vigência do que se mantém sempre encoberto. “O que, portanto, deve manter-se impronunciado resguarda-se no não dito, abriga-se no velado como o que não se deixa mostrar, é mistério.” (Heidegger, 2012: p. 202). O mistério guarda em si encobrimento e desencobrimento. Aí já não sabemos se o encanto se dá com o desencoberto ou com o que se mantém encoberto. Mas isto não importa. Importa que haja encanto. Porém encanto não apenas como um sentimento, mas fundamentalmente como uma experiência do acontecimento de *alétheia*, verdade, originariamente pensada: des-velamento, passagem do encoberto ao desencoberto, do velado ao desvelado. A palavra *alétheia* traz em sua origem a negação de *Léthe*, na mitologia grega, a deusa do esquecimento. *Alétheia* é a não ocultação do que não pode ser esquecido. *Alétheia* é, portanto, acionamento de memória e acionamento de memória é música.

Carneiro Leão (2010) faz referência aos gregos sobre a vigência ontológica que eles tinham da música, isto é, música enquanto constituição sonora do mundo e, por isto, geradora de sentido. Ora, se por um lado os gregos não viam na música apenas uma expressão imediata da alma, por outro a concebiam como a própria emergência do real. O mais alto grau de realização de qualquer real se dá sempre numa dinâmica de des-velamento e velamento, movimento contínuo de mostrar-se e ocultar-se, manifestar-se e guardar-se. A aproximação da música com esta tensão de recolhimento e anúncio e, portanto, de *alétheia*, verdade, se dá na capacidade do discurso musical gerador de sentido dizer o não dito, o não verbalizável.

O modo de apreensão da realidade na tradição poética grega pré-platônica e por isto, anterior ao pensamento metafísico, era essencialmente auditivo. Numa era em que a escrita ainda não tinha sido inventada, o saber só podia ser constituído pelo que não podia ser esquecido, isto é, pelo que podia ser lembrado, pela memória.

Insistimos: acionamento de memória é música e explicamos: o sábio era o poeta, aquele que lembrava o que não podia ser esquecido e ele o fazia cantando. Sobre isto, Jardim (2005) relaciona a audição à música na figura do *aedo*, o poeta-cantor, contrapondo-o à figura do historiador que emerge no contexto do acontecimento da escrita onde nasce o pensamento metafísico.

A preparação do aedo é da ordem da música, a do historiador é da ordem das causas. Enquanto o aedo, profundamente relacionado com uma tradição predominantemente oral e auditiva, necessita aprender a escuta e tem a música como forma de instaurar tanto o seu escutar quanto o seu discurso numa dimensão poética. O historiador, relacionado com uma tradição predominantemente visual e representativa, necessita aprender a ver e a registrar visualmente o que viu e, por isso, tem na ordem das razões a maneira de determinação de seu modo de ver. Enquanto o aedo parte de e se determina a aprimorar a sua escuta do mundo, ou melhor, de mundos e com ela constituir mundo ou mundos, o historiador parte da, e se determina a aprimorar a leitura e registro dos fatos. (JARDIM, 2005: p. 109)

Ao pensar um pouco mais sobre o eixo auditivo que circunda a música temos que a constituição da música se dá em sua essência sonora, invisível. A invisibilidade do som tem eclodido em muitos o pensamento de que música é abstrata e subjetiva, mas disto discordamos justamente pelo fato da invisibilidade do som na música possibilitar a escuta como apreensão de saber e constituição de sentido. Pensar a música como experiência concreta e não abstrata é legitimar a escuta como modo autêntico de apreensão do real mesmo num mundo ocidentalmente pré-fabricado. A música é a própria emergência do real carregado de vigor em seu dizer que diz o inaudito, o imprevisível, o misterioso. Em seu dizer, música é reunião de *lógos*, linguagem, escuta, sentido, verdade, memória. É caminho de conhecimento, não de automatização, pela experiência do encanto. Em seu dizer música é a música do *lógos*, caminho de saber que vigora numa escuta que conduz o homem para o encaminhamento de seu próprio, para muito além de um mundo ocidentalmente pré-fabricado.

Referências

- CASTRO, Manuel Antonio de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HERÁCLITO. *Fragmentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar II*. Teresópolis: Daimon, 2010.
- MERTON, Thomas. *A via de Chuang Tzu*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FOGEL, Gilvan. *O desaprendizado do símbolo (a poética do ver imediato)*. Revista TB, Rio de Janeiro, out. – dez., p. 39-51, 2007.
- JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.